

Hilário Bohn e Paulino Vandresen (org.).

Tópicos de Linguística aplicada. O ensino das línguas estrangeiras

Celina Scheinowitz (UFBA)

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lançou em 1988 o livro **Tópicos de Linguística Aplicada. O ensino das línguas estrangeiras**, organizado pelos professores Hilário Bohn e Paulino Vandresen. Trata-se de uma coletânea de artigos de quinze colaboradores, a maioria dos quais provém da Universidade Federal de Santa Catarina, contando a publicação ainda com dois docentes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e dois da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A um dos autores originários desta instituição Maria Helena Curcio Celia - a publicação é singelamente dedicada "com Saudade e Admiração".

Os organizadores, na Introdução, justificam o aparecimento do livro pela escassez e desatualização de material bibliográfico para subsidiar os cursos de Licenciatura em Letras. **D e s t i n a n d o - s e** prioritariamente a alunos de graduação, não se descarta a utilização nos cursos de pós-graduação orientados para o ensino de línguas e para programas de treinamento e reciclagem de professores. Enriquecendo a coletânea, seguem-se a cada artigo, além da bibliografia específica, questões para debate, o que sublinha as intenções pedagógicas do livro.

A ordem na apresentação dos artigos confere-lhes uma

organização temática. Agrupam-se inicialmente três artigos construídos em torno dos conceitos e questões epistemológicas da Linguística Aplicada, bem como da discussão sobre as teorias de aprendizagem de uma segunda língua.

Em "Linguística Aplicada", que abre o volume, Hilário I. Bohn, a partir da discussão sobre ciência pura e ciência aplicada, coloca a preocupação original da Linguística Aplicada concomitantemente com problemas do ensino e da tradução automática, em conformidade com os objetivos declarados da pioneira Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), fundada em 1964, em Nancy, na França. Desenvolvimentos posteriores das investigações restringiram-se na prática a um só desses aspectos nos diferentes países, ao ensino das línguas estrangeiras, como é o caso dos Estados Unidos, e à tradução automática, na Rússia. A abrangência do assunto é entretanto salientada pelo autor, que examina a seguir a definição da Linguística Aplicada do triplice ponto de vista da literatura de referência geral e especializada na área de ciências sociais, da literatura de referência especializada em linguística e na opinião dos especialistas da área de Linguística Aplicada. Como conclusão, expõem-se aplicações possíveis da disciplina na solução de problemas práticos.

O segundo artigo, de autoria de Leonor Sciliar-Cabral, desenvolve o tema "Semelhanças e diferenças entre aquisição das primeiras línguas e a aprendizagem sistemática das segundas línguas". A autora pensa a aprendizagem em termos de psicolinguística, considerando a capacidade inata da espécie humana em desenvolver a linguagem verbal. A estrutura biopsicológica do homem estabelece entretanto que, uma vez dominados os automatismos das primeiras línguas, o indivíduo tem dificuldades, a partir de certa idade, em adquirir novos automatismos. A motivação, em especial, está na origem das diferenças no processo de aquisição da língua nativa e da aprendizagem de uma segunda língua, já que o uso da primeira língua resulta de predisposições biopsicológicas da espécie integrando mecanismos adaptativos para sobreviver, situação que não ocorre no ambiente artificial da sala de aula. Essa diferenciação decorre ainda da maturação cognitiva do indivíduo, uma vez que ao adulto é dado valer-se de estratégias dedutivas de aprendizagem, enquanto que a criança aprende por inferências. Os elementos expostos pela autora permitem-lhe estabelecer tetos ou as melhores fases para o ensino das segundas línguas.

O último artigo desse primeiro grupo insere-se igualmente no quadro das preocupações da psicolinguística. Lilia Carioni, em "Aquisição de

segunda língua: a teoria de Krashen", resume a teoria deste autor, exposta em seu livro **Principles and practice in second language acquisition**, publicado em 1982 pela Pergamon, em Oxford. Em uma primeira parte, Carioni apresenta as cinco hipóteses que fundamentam a teoria, a saber: a distinção entre a aquisição e aprendizagem, a ordem natural, a hipótese do input, o monitor e o filtro afetivo. Na segunda parte, expõe as características do input como requisitos indispensáveis em qualquer atividade ou material que vise a aquisição da linguagem como processo natural e subconsciente. São elas: compreensibilidade, interesse, relevância, não sequenciamento gramatical e quantidade suficiente. A terceira parte aborda o papel da gramática no modelo e a quarta, fundamentada em outra obra de Krashen, **Input hypothesis: Issues and implications**, Londres, Longman, 1985, trata das implicações da teoria para o ensino da segunda língua, com destaque para o período de silêncio que precede a produção em língua.

Um segundo grupo de artigos reúne seis estudos centrados na análise contrastiva. Paulino Vandresen, em "Linguística contrastiva e ensino de línguas estrangeiras", vê a linguística contrastiva como uma subárea da linguística geral, o que significa que não a vê como um ramo da Linguística Aplicada, posição que também adotamos. Distingue a versão forte, a análise contrastiva

propriamente dita, da versão fraca, a análise de erros, com base nos pressupostos teóricos que as sustentam. A primeira, ancorada nos princípios taxonomistas da linguística estruturalista, admite que a aprendizagem é a criação de automatismos e a segunda, moldada no contexto do modelo gerativo-transformacional, considera a capacidade inata do ser humano em desenvolver a competência linguística a partir dos dados linguísticos. Ilustra a questão com uma análise contrastiva do sistema fonológico do português e de cinco línguas estrangeiras, o espanhol, o italiano, o francês, o inglês e o alemão. Leva em conta os seguintes aspectos na comparação: a comparação dos quadros de fonemas, a comparação de alofones posicionais e a distribuição dos fonemas. Duas tabelas sumariam os fonemas vocálicos e os fonemas consonantais das línguas objeto de análise. No quadro das consoantes, verificamos a dificuldade de Vandresen em situar as semivogais, por sua condição de sons intermediários entre as vogais e as consoantes: no sistema fonológico do francês, com três semivogais, faltando na descrição o dado referente à posição dos lábios, pertinente na identificação das vogais, o autor é levado a caracterizar o /W/ como velar, em oposição ao /W/ das demais línguas do quadro, descrito como bilabial. Parece-nos que a descrição correta seria considerar o /W/ como velar, em oposição ao /y/, palatal,

o primeiro articulado com os lábios arredondados e o segundo com os lábios afastados; a semivogal suplementar do francês, /ɥ/ se situaria como palatal, da mesma forma que o /y/ e como arredondada, da mesma forma que o /w/.

"Análise contrastiva", de John Robert Schmitz, representa uma contribuição importante para o estudante e o pesquisador. Lastimamos a desordem da numeração adotada para organizar as partes: anunciam-se três partes, mas a 1ª corresponde à 2ª na numeração; na p. 106 há um erro, 3.1. é na realidade 3.2; a 3ª parte, numerada 3.3 deveria ser 4, se houvesse coerência com a numeração adotada; à p. 111, remete-se para 3.2.2.1. e 3.2.2.2., inexistente no texto. O artigo apresenta inicialmente um histórico da análise contrastiva, a que se segue uma ilustração da disciplina, com base na comparação lexical e gramatical do português e do inglês. Merece destaque nesta, a exemplificação com palavras que exprimem as cores, em que há uma contribuição interessante do autor. Notem-se ainda as precauções veladas deste em distinguir a polissemia da homonímia, com indecisão nos limites entre as duas noções, nas considerações referentes às palavras cravo, quadro, light e racket que constam às páginas 101 e 102. O trabalho conclui com a explanação da utilidade pedagógica da análise contrastiva.

Um terceiro artigo, nesse segundo grupo, introduz também dados

teóricos acerca da análise contrastiva, embora incluindo, como dois precedentes, exemplificações, no presente caso com o português e o inglês e japonês. Refiro-me ao trabalho de Mary A. Kato, "Uma taxonomia de similaridades e contrastes entre línguas". A partir da proposta de R. Berman, de 1978, M. Kato sugere que as línguas sejam contrastadas segundo os seguintes parâmetros: similaridades obrigatórias, similaridades tipológicas, diferenças tipológicas, similaridades não-tipológicas acidentais, diferenças não-tipológicas sistemáticas e diferenças acidentais. Admite que a taxonomia apresentada permite uma exploração pedagógica, com indicação das estratégias de ensino mais apropriadas para cada tipo de similaridade ou de contraste. Assumindo uma posição eclética, conclui postulando que as línguas naturais revelam tanto aspectos universais quanto idiossincráticos.

Três artigos completam o bloco referente à análise contrastiva, apresentando estudos específicos com aplicação ao inglês ("Tempo e duração no inglês e português - tentativa de aplicação de análise contrastiva para a explicação das diferenças no uso de algumas formas verbais", de Rosa Konder, e "Dificuldade do aluno brasileiro na colocação do acento vocábulo em inglês", de Bárbara Baptista) e ao francês ("Francês e português - contraste e interferências no plano

fonológico", de Maria Marta Furlanetto). Interessou-nos sobretudo este último trabalho, que vem a ser uma síntese da dissertação de Mestrado que a autora apresentou à UNICAMP. Consideramos oportuna sua divulgação nesse livro, mesmo treze anos depois, pela utilidade do texto para os professores de francês, sem falar da contribuição que representa para o desenvolvimento dos estudos contrastivos.

O terceiro bloco, formado de sete artigos, inicia-se com "Metodologia do ensino de línguas", de autoria de Vilson J. Leffa, uma revisão histórica das abordagens metodológicas no ensino de línguas estrangeiras. Distinguindo previamente os conceitos de abordagem e método, aprendizagem e aquisição, segunda língua e língua estrangeira e o de metodólogo, faz o autor a seguir a descrição das diferentes abordagens do ensino das línguas, desde a gramática e tradução - surgida na época do Renascimento com o interesse pelas culturas grega e latina até a abordagem comunicativa, passando pelo chamado "método" direto, pela abordagem para a leitura, pela abordagem audiolingual, além dos métodos que lograram menor difusão, como a sugestologia de Lozanov, o método silencioso de Gattegno, o método de Asher de resposta física total e a abordagem natural baseada na teoria de Krashen. Ilustrando esta descrição, quatro anexos

reproduzem montagens de manuais de ensino de línguas confeccionados segundo as principais abordagens elencadas, o que representa um substancial enriquecimento para a exposição. Conclui o autor admitindo que, no balanço entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem, outras variáveis podem ter mais valor que a metodologia, cabendo ao mestre adotar uma atitude sábia de incorporar ao seu trabalho didático os elementos das diferentes abordagens importantes para as suas aulas.

Seguem-se quatro artigos em que se discutem habilidades específicas do ensino das línguas. A leitura, no primeiro caso, no artigo de Loni K. Taglieber "A leitura na língua estrangeira", em que o assunto é tratado de modo abrangente, concluindo-se, diante da precariedade das pesquisas existentes, que a sensibilidade, imaginação criadora e entusiasmo do professor poderão estabelecer o elo entre o que é conhecido e o que o aluno descobre no texto, elo fundamental à aprendizagem. "Compreensão de linguagem escrita: aspectos do papel do leitor", artigo em que José Luiz Meurer desenvolve igualmente o tema da leitura, respondendo a perguntas colocadas no parágrafo introdutório: "por que ao lermos certos textos somos capazes de entendê-los com facilidade enquanto que ao lermos outros nossa compreensão é apenas parcial e, ainda, em outros casos, os textos se afiguram como incompreensíveis? Seria a

compreensão, ou a falta de compreensão, inerente às informações contidas nos textos? Ou seria isto relacionado unicamente à habilidade, ou à falta de habilidade, dos leitores? "Fluência Oral", de Tânea Mara Rondon Quintanilha, em que o ensino da prática oral é visto em uma abordagem comunicativa e "Tradução e ensino de línguas", de Walter Carlos Costa, tema que "sempre esteve e continua estando no centro da questão da aprendizagem da língua estrangeira" juntam-se ao conjunto, fechando a discussão sobre as habilidades ligadas ao ensino de línguas.

Constam ainda do terceiro bloco de artigos dois trabalhos. O primeiro, de Hilário Inácio Bohn, "Avaliação dos materiais", objetiva analisar essa variável externa da aprendizagem. Nessa análise, discute-se inicialmente o papel dos materiais de ensino no processo de aprendizagem e, a seguir, a maneira como estes se relacionam com as necessidades e objetivos do ensino, bem como as implicações teóricas envolvidas no processo avaliativo e os critérios utilizados na avaliação. Para finalizar, propõe-se um guia de avaliação fundamentado nos modelos de D. Williams e de T. Deyes. Subdividido em oito grandes categorias, a saber, geral, aspectos técnicos, compreensão oral, leitura, expressão oral, expressão escrita, vocabulário e gramática, o guia se apresenta em três colunas: na parte central da figura o

construto teórico básico para a avaliação, a coluna da esquerda refere-se aos objetivos e a da direita aos materiais, sendo atribuídos a ambos pesos, a fim de, pela sua correlação, chegar-se à avaliação.

O trabalho que encerra a publicação, "Objetivos dos cursos de Letras para a formação de professores de línguas estrangeiras no Brasil", é de autoria de Maria Helena Curcio Celia. Parte da abordagem mais recente em pesquisa de linguística aplicada, para correlacioná-la com o contexto da realidade representada pelo ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Trata-se da abordagem comunicativa, cujos pressupostos teóricos se assentam na língua considerada como discurso, o que significa levar em conta a complexidade do ato comunicativo e as ligações da linguística com a psicolinguística e a sociolinguística. Nessa perspectiva, a aprendizagem se apresenta como um processo interativo, em que a atenção se desvia da competência linguística para a competência comunicativa. Ao caracterizar a situação atual que ocorre no Rio Grande do Sul, a autora vê uma "carência generalizada de uma conscientização da complexidade do ato comunicativo linguístico, bem como de uma postura crítica e interativa quanto ao processo de ensino-aprendizagem". A seguir, a partir da experiência com alternativas que vêm sendo implementadas, aproxima pesquisa e realidade, apontando

procedimentos para superar as deficiências constatadas. Na sua conclusão, Curcio Célia apresenta uma proposta para a formulação de objetivos para cursos de formação de professores de línguas estrangeiras no Brasil.

De leitura estimulante, o livro que a Universidade Federal de Santa Catarina apresenta ao público vem preencher uma lacuna nos

estudos de Linguística Aplicada e prestará relevantes serviços à comunidade acadêmica de Letras.

Resenha do livro de BOHN, Hilário Inácio e VANDRESEN, Paulino (org.), Tópicos de Linguística Aplicada. O ensino das línguas estrangeiras. Florianópolis, Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.